

## TRADUÇÃO

# Capturados pela cidade: perspectivas em Estudos de Cultura Urbana<sup>1</sup>

**Blagovesta M. Momchedjikova**

*Doutora em Performance Studies (New York University, 2006). Atualmente é professora da New York University e diretora da área de pesquisa “Cultura urbana” da MACAPA (Mid-Atlantic Popular and American Culture Association).*

### O que é Estudos de Cultura Urbana?

As cidades são organismos vivos: elas crescem, mudam ou por vezes desaparecem. Elas são fascinantemente porosas, deixando por dentro quem quiser ficar, e de fora quem não quiser. Elas podem abraçar mas também rejeitar. Podem ser robustas e saudáveis, mas também doentes. Podem ser loucamente felizes, mas também tristemente deprimidas. São vários e complexos os processos – planejados ou acidentais – que sustentam, aceleram ou desaceleram o pulso da cidade, afetando infinitamente os seus moradores, tendo eles ou não precipitado esses processos. Os Estudos de Cultura Urbana visam sentir e estudar o pulso da cidade – irregular por vezes, sempre complexo, nunca falso.

Estudos de Cultura Urbana é, falando simplesmente, uma amálgama de disciplinas, abordagens e metodologias cujo interesse comum reside na cidade – qualquer cidade: mundana, fragmentada e monótona, mas também e ao mesmo tempo extraordinária, coerente e polifônica. Envolve a forma urbana, colorida e contraditória – o ambiente físico (um edifício, um bairro, um parque), e suas reverberações em outros mundos, físicos ou não (uma memória, um sentimento, um som) – a partir de uma variedade de perspectivas tradicionais – sociológica, antropológica, histórica, linguística, fotográfica – além de contar com as conversas interdisciplinares já iniciadas pelos mais recentes estudos culturais, visuais, de *performance*, e de cultura popular.

---

<sup>1</sup> Blagovesta M. Momchedjikova (2013), “Introduction: Urban Culture Studies”. In: *Captured by the City: Perspectives in Urban Culture Studies*, editado por Blagovesta M. Momchedjikova, Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, p. 1-7. Publicado com a permissão da Cambridge Scholars Publishing. Traduzido por Jorge de La Barre. Revisão de Patrick Burglin.

Ao contrário da disciplina estabelecida de Estudos urbanos por exemplo, que lida com a cidade como um objeto e é reservada para o grupo mais exclusivo de planejadores urbanos, formuladores de políticas e arquitetos, a disciplina de Estudos de cultura urbana atualmente em formação abraça a cidade como um encontro dinâmico, um empenho artístico, um evento, uma prática, uma *performance*, uma interação, e está aberta a acadêmicos de vários campos, artistas tanto como especialistas. Em última análise, ela tenta conquistar o seu próprio campo de investigação com base na pluralidade de perspectivas sobre a cidade que vão se complementando e nos concedem uma melhor compreensão das cidades – por que sonhamos com elas, por que nos congregamos nelas, as desenvolvemos, negociamos nelas, as deixamos ou retornamos a elas – e das vidas complexas, contraditórias, que vivemos nelas.

### **Por que agora?**

A cidade tem preocupado gerações de pensadores, poetas, planejadores, e decisores políticos. De Georg Simmel a Richard Sennett, de Walter Benjamin a Michel de Certeau, do Barão Haussmann a Robert Moses, de Italo Calvino a Yi-fu Tuan, de Jane Jacobs a Sharon Zukin, a cidade tem sido considerada um lugar legítimo, seja com seus problemas ou maravilhas, mas quase sempre com suas experiências inigualáveis. A proliferação das mídias sociais na última década, no entanto, tem-se constituído em desafio especial para a forma como pensamos sobre o lugar e portanto sobre as cidades e sobre nós mesmos vivendo nelas. Facebook, Twitter e Skype nos permitem habitar muitos lugares diferentes ao mesmo tempo. Hoje, a famosa caminhada de de Certeau, que ligava o “cá” e o “lá” na rua da cidade, tornou-se um clique de mouse e desmoronou o “cá” para o “lá”: eles são simplesmente uma e a mesma coisa.

Quer tomemos emprestado o termo “lugar híbrido” do geógrafo André Blum ou o “não-lugar” do antropólogo Marc Augé para descrever esse estado de vida virtual em vários lugares ao mesmo tempo, uma coisa é certa: enquanto euforicamente fazemos amizades, enviamos mensagens de texto ou *chateamos*, estamos cada vez menos presentes no único lugar que pode nos proporcionar sensações e experiências tangíveis: o imediato e urgente *aqui*. Navega-

mos na *world wide web* mais do que exploramos as ruas da cidade; andamos desconectados da cidade viva, porém estamos *LinkedIn*. Assim, a cidade tornou-se prestadora de serviços para *posts*, *blogs* e *tweets* – uma derrotada frente a essas talvez mais seguras representações virtuais. E nós, consumindo *sites*, atualizando perfis, *i-tocando* frios eletrônicos, nos orgulhamos dos nossos múltiplos *self*. Desagrilhados pelos desafios da urbanidade da vida real, todos esses *self* vagam pelas nossas cidades, qual fantasmas – *self* híbridos, não-*self*?

Os Estudos de Cultura Urbana permitem-nos abordar a difusão do lugar, e a resultante difusão do *self*, como processos de natureza reversível. Com sua ênfase nas conexões tangíveis entre pessoas, lugares e interações, eles oferecem uma abordagem holística e humanitária para o *self* urbano e o lugar urbano que pode ajudar a nos reposicionarmos no mundo da informação global para um renascimento tanto do *self* como do lugar. Nesse reposicionamento, podemos recuperar nossa experiência do lugar e do *self*, precisamente devido à interação entre lugar físico e virtual, entre *self* físico e virtual – não apesar dela. Enquanto combinação de disciplinas e metodologias, os Estudos de Cultura Urbana não fomentam *interfaces* mas sim trocas e comunidades cara-a-cara – verdadeiros antídotos contra os efeitos alienantes do consumismo virtual. E isso também contribui para tornar nossas cidades mais saudáveis.

### **Por que *Capturados pela cidade*?**

Mas, à medida que nos expandimos para novos locais e novos *self* graças a inovações tecnológicas sem fim, desastres – naturais e provocados pelo homem – continuam a redesenhar a paisagem das cidades no mundo inteiro – desenraizando pessoas, apagando lugares. Tais desenvolvimentos adversos afetam a forma como experimentamos, preservamos e lembramos das cidades e de nós próprios nelas. Equipados com cartões de memória e *pen drives*, transmitimos e armazenamos nossas memórias em *bytes*, como se nossos dispositivos eletrônicos fossem, de fato, responsáveis por uma das mais distintas experiências humanas: a de lembrar. Engajar-se no ato de lembrar significa evocar uma experiência visceral e tangível – de uma pessoa, um local, um objeto, um evento, ou a combinação de alguns ou todos estes, assim co-

mo dos sentimentos que provocaram. Tais atos de lembrar localizam-nos no tempo e lugar e criam assim nossa identidade pessoal e cultural: eles fazem de nós quem realmente somos.

Esses atos de lembrar, no entanto, estão lentamente nos escapando porque vivemos mais a vida virtual do que a real, mesmo que, ao final do dia, não guardemos nenhuma prova tangível dessa existência virtual, e tampouco nenhuma memória. É assim que *Capturados pela cidade: Perspectivas em Estudos de cultura urbana* veio à luz. É um esforço para lembrarmos que, embora prefiramos abraçar a internet, a cidade real ainda nos abraça: é ela que ainda nos cobra o aluguel, a calefação, a eletricidade, o gás, a água, o cabo, o lixo, o ônibus, o metrô, as taxas; ela ainda alimenta nossos desejos, as nossas esperanças, as nossas decepções; ela ainda nos deixa perplexos, surpresos, fascinados. Este livro é um sério lembrete de que ainda continuamos presos na teia de ideias, conexões e contradições da cidade real, *aqui mesmo*.

Em última análise, *Capturados pela cidade* pretende reencenar para seus leitores – tal como o fez para seus colaboradores – a arte de estar presente para a cidade, que é um pré-requisito para recordar, desfrutar, imaginar e planejar a cidade. Este é o principal objetivo do livro e seu trunfo maior. Estar presente sugere que se está *aqui* e que se está aqui *agora* – que se está conscientemente conectado aos seus arredores imediatos, processando o que lhe está acontecendo no contexto desses mesmo arredores. Esta coleção também espera inspirar os seus leitores a despertarem para o presente, e se envolverem em sua própria arte de estar presente, o que ajuda a restaurar o valor das conexões e comunidades humanas reais, em vez daquele consumo virtual entorpecente – um verdadeiro avanço para a disciplina dos Estudos de Cultura Urbana.

### **Como está organizada esta coleção?**

Composta por dezoito ensaios, esta coleção representa as possibilidades de leitura, pensamento e escrita críticos, proporcionadas pelos Estudos de Cultura Urbana enquanto disciplina. Tematicamente, os ensaios deste volume abrangem uma vasta gama: a preservação do lugar na memória; o bem-sucedido uso cotidiano dos espaços públicos; a relação entre identidade pessoal,

comunal e cultural; *gentrification*, desenvolvimento urbano e desastre; imigração, viagem e deslocamento do *self*; a encenação do pertencimento através de quotidianos ou programados *performances*, linguagem, e som. Estilisticamente, os textos representam uma mistura de gêneros – estudos históricos ou etnográficos de locais e eventos públicos; evocações poéticas de geografias pessoais nas cidades; explorações de eventos altamente orquestrados ou improvisados em designadas áreas urbanas. Considerados em conjunto, os textos reencenam o princípio básico da disciplina dos Estudos de Cultura Urbana: a interconectividade.

A estrutura do volume em três partes – Lugares, Pessoas, e *Performances* – com seis ensaios em cada parte é, em certa medida, arbitrária, pois lugares, pessoas e *performances* (programadas, espontâneas, ou mundanas) são sempre interligados e interdependentes: não se pode considerar um sem os outros. No entanto há alguns fatores dominantes como prioridades e perspectivas dentro de cada texto que permitem que eles sejam agrupados dessa forma particular, provocando conexões dinâmicas dentro de cada parte. Ao mesmo tempo, são também esperadas e desejadas conexões dinâmicas entre as três partes. Em ambientes urbanos vivos, aliás, é também de se esperar que assim seja: tudo está sempre conectado a todo o resto. São essas conexões na cidade que, através de nossos estudos esperamos iluminar, através da combinação das diferentes perspectivas promover, e através da vida de cada texto em sua proximidade a outros neste volume provocar.

Única nesta coleção é a seção introdutória formal de dois parágrafos a cada ensaio. Enquanto o primeiro parágrafo descreve do autor sua disciplina, metodologia e envolvimento especial com o urbano em geral, o segundo detalha o projeto específico do ensaio. O propósito desses parágrafos reflexivos é duplo: posicionar cada colaborador, por um lado, dentro de um determinado campo de investigação (digamos, sociologia, antropologia, história, estudos visuais), e por outro, no espectro mais amplo e abrangente da Cultura Urbana. São esses dois parágrafos que explicitamente conectam todos os ensaios uns aos outros, e ao projeto mais amplo deste livro – o de estabelecer a legitimidade e urgência da nova disciplina de Estudos de Cultura Urbana. Embora

existam muitos livros importantes oferecendo estudos interdisciplinares fascinantes dentro da disciplina, assim ampliando o âmbito de aplicação da mesma, *Capturados pela cidade* oferece um exame transdisciplinar (fotográfico, sociológico, histórico, arquitetônico, antropológico, linguístico, teatral, etc.) do tema urbano comum, alargando assim o âmbito dos Estudos de Cultura Urbana como campo em si.

### **Lugares, pessoas, performances**

*Primeira parte: Lugares na cidade: Na memória, na história, e em tempo real* lida com a preservação, desenvolvimento e melhoramento do lugar. Ines Rae nos convida a considerar o modo como a memória do lugar é construída: comparando fotografias de Preston, Inglaterra, com as memórias que elas produzem, ela pergunta se a memória pertence às pessoas, aos lugares, imagens, ou histórias. A proposta de Lois Ascher é que, frente à destruição, a memória resida nos museus, tal como o criado por ex-moradores do West End de Boston (notória vítima do desenvolvimento urbano). Para David Michalski no entanto, as memórias urbanas existem em fragmentação e colagem, tais como as que ele tem de Buffalo, Nova York – sua cidade natal. Ainda assim, apesar de fragmentado, qualquer ato de lembrança nos permite reclamarmos a cidade, como qualquer outra prática na cidade. Uma dessas práticas é o *street-postering*, observado por Tara Milbrandt quando a ameaça de proibição dos cartazes de rua divide a cidade de Toronto e seus moradores. Outra é a construção de um parque na cidade de Nova York que, como mostra Matthew Postal, pode ser bastante bem-sucedida quando os interesses dos decisores políticos e dos frequentadores do parque coincidem. Mas, para criar locais públicos úteis, alerta Nathalie Boucher, temos que prestar atenção às nossas necessidades contemporâneas em termos de lugar público, e não necessariamente ao que a história nos ensina; assim, em muitos lugares públicos “malditos” no centro de Los Angeles, ela encontra uma vivacidade inesperada.

*Segunda parte: Identidades de cidade: Em trânsito e in situ* explora o que acontece com o *self* urbano frente à mudança econômica, geográfica, e social. Margarita Kompelmahler observa os imigrantes soviéticos em Twin Cities,

Minnesota, que lutam pela preservação da sua identidade nacional através de práticas como a dança social, tentando ao mesmo tempo permanecerem publicamente invisíveis na cidade de adoção. O caso oposto acontece no estudo de Tolonda Tolbert sobre os “*Gatekeepers*” – um agrupamento de homens de ascendência afro-caribenha que abertamente protegem sua comunidade contra as forças da *gentrification* num quarteirão de Brooklyn, Nova York. J. Emmanuel Raymundo mostra-nos como, em momentos de crise urbana (tal como evidenciado por desastres e representação cinematográfica), certas identidades podem desaparecer rapidamente – os Afro-Americanos vitimados pelo furacão de Nova Orleans no início do século 21, ou os Asiático-Americanos no filme apocalíptico *San Francisco* (1936). O desaparecimento e o deslocamento temporários (e temporais), o subsequente refazer do *self*, são testemunhados por Michelle Dent durante o seu contrato de ensino em Abu Dhabi; é também o que Steve, ferreiro *mohawk* de Montreal, conta na etnografia de Samuel Neural em Nova York; e o que Keisha Gaye-Anderson experimenta como jovem mulher jamaicana querendo fazer sucesso na *Big Apple*.

*Terceira parte: Performando a cidade: Vozes e práticas* estuda as interações entre pessoas e lugares, tal como evidenciadas em atividades quotidianas ou programadas, e como elas contribuem para o próprio sentido de pertencimento à cidade. Joe Trotta considera como o lugar gera certas expressões linguísticas, e como dialetos urbanos se formam e desenvolvem como resultado do habitar determinados lugares. Isto é desenvolvido no estudo de Ronald Dorris sobre a musicalidade da fala dos moradores de Nova Orleans e como ela se formou historicamente. Para E. Jerry Persaud, é o caso do *hip hop*, que ao mesmo tempo reflete e perpetua o gueto do centro da cidade: lugar físico, estado de espírito, estilo de vida, léxico, e fluxo. Mathew Hawkins e Marta Rabikowska mostram como as cidades provocam a criação artística, quando revelam suas práticas cinematográficas num bar de Plumstead, Inglaterra, numa tentativa de descobrir a comunidade mais ampla daquela área em particular, à qual eles também querem pertencer. Melanie Sovern, também, estuda como a improvisação teatral e a *performance* de rua permitem a uma trupe de teatro se envolver e celebrar Nova York. Finalmente, o auto-retrato de Ra-

faela Santos contempla-nos enquanto lemos as sentidas histórias de uma *Latina* negra do Bronx, Nova York, determinada a quebrar o ciclo de pobreza em que ela cresceu, e deixar sua marca na cidade apesar de todas as dificuldades.

## Metas

*Capturados pela cidade: Novas Perspectivas em Estudos de Cultura Urbana* é um compêndio, um manual, e uma ferramenta de navegação para aqueles intrigados com tudo aquilo que é urbano, aqueles curiosos por entender a gama de possibilidades que este campo de formação recente apresenta, e para aqueles que se dedicam ao desenvolvimento e expansão adicionais do mesmo. Como coleção de diferentes disciplinas, assuntos, ferramentas, metodologias, abordagens e estilos de escrita, este livro pode ser útil para professores e estudantes, acadêmicos e artistas, independentemente de suas filiações específicas porque demonstra não o avanço de uma disciplina única, mas como diferentes disciplinas se cruzam para formar um novo campo de estudo: os Estudos de Cultura Urbana, por natureza transdisciplinares. Como tal, *Capturados pela cidade* é fundacional: é uma nova rubrica que ajuda seus leitores a se aproximarem da cidade multifacetada a partir de uma variedade de ângulos e vê-la sob o prisma dos Estudos de Cultura Urbana: através de todas as suas partes.

Os professores podem utilizar este volume para ensinar a cidade a partir de uma miríade de perspectivas, e de várias perspectivas ao mesmo tempo. Ao abordar criticamente as complexidades das cidades, os professores podem ensinar aos alunos como serem melhores leitores, pensadores e escritores, e como melhorar o futuro das cidades. *Capturados pela cidade* pode ser útil manual para aqueles dedicados ao ensino dos Estudos de Cultura Urbana; pode também ser de interesse para as diversas disciplinas representadas – sociologia, antropologia, história, linguística, história arquitetural, urbanismo, estudos americanos, estudos afro-americanos, estudos do Caribe, estudos pós-coloniais, estudos críticos da mídia, estudos fotográficos, estudos de cinema, inglês, literatura comparada, poética documentária, escrita, estudos culturais, estudos de teatro, estudos de dança, estudos de *performance*, etnografia feminista, criminologia racial e cultural. Os alunos podem utilizar es-

te volume para aprender a ver a cidade como uma entidade dinâmica e tão rica que, a fim de compreendê-la em sua integralidade, é preciso abraçar uma multiplicidade de abordagens e disciplinas. Isso pode levar os alunos a pensarem criticamente sobre os seus próprios papéis na *performance* quotidiana da cidade. Além disso, pode oferecer aos estudantes modelos de investigação e interconectividade, ajudá-los a identificar oportunidades de pesquisa e apresentar diferentes abordagens para escrever sobre a cidade.

Em última análise, *Capturados pela cidade: Novas Perspectivas em Estudos de Cultura Urbana* tem como objetivo criar uma troca viva de pontos de vista entre acadêmicos, professores, artistas e estudantes. É um esforço no sentido de preparar o terreno para a fundação de um Centro de Estudos de Cultura Urbana em futuro próximo, onde a troca viva de pontos de vista continuará através de oficinas, aulas, simpósios, publicações e *performances*. Muito me agradou coligar este volume e convido você a compartilhar a minha alegria à medida que percorrer os ensaios, aprender mais sobre a muitas vezes misteriosa interação entre ambientes construídos, interações pessoais e infraestrutura em cidades. Espero que você entenderá por que e como todos nós neste livro ficamos intrigados, obcecados, surpresos, fascinados e totalmente capturados pela cidade, para que, por sua vez, isto se convirta em convite para você pensar sobre sua própria relação com a cidade.